

EDITORIAL

ESCRITAS DE SI NA CONTEMPORANEIDADE: PACTOS E DESDOBRAMENTOS

Carolina Duarte Damasceno, Júlio de Souza Valle Neto,
Ricardo Gaiotto de Moraes

O projeto deste dossiê, organizado pela Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno (Universidade Federal de Uberlândia) e pelos Profs. Drs. Júlio de Souza Valle Neto (Universidade Federal de São Paulo) e Ricardo Gaiotto de Moraes (Universidade Federal de Santa Catarina), surgiu a partir de dois simpósios, ocorridos nos Congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) em 2018 e 2019, que tiveram como tema as escritas de si. A participação entusiasmada de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras apontou a atualidade desse assunto para o campo dos estudos literários. Este número da *Pós-Limiar* torna-se espaço para artigos que analisam em largo espectro as escritas marcadas pelas interferências explícitas e performáticas do eu, mobilizando discussões que extrapolam a área dos estudos literários e estabelecem diálogos com outros campos das Ciências Humanas.

Como observa Starobinski (1970) as escritas pessoais, pautadas pela memória e pela (re)construção de imagens do passado e de si, sempre apresentaram uma tendência a desembocarem na invenção, a despeito das promessas de sinceridade e fidelidade à experiência vivida. Porém, embora sempre tenha havido fronteiras entre as escritas de si e o universo ficcional, elas somente foram problematizadas pelos escritores a partir do século XX.

Na contemporaneidade, as formas de analisar a sinceridade e as escritas de si tornaram ainda mais inglórias as tentativas de “transformar o matagal da literatura do eu em jardim à francesa” (LEJEUNE, 2014a, p.21). Com a crítica à noção de sujeito, convenção de mais a mais problematizada, uma pergunta essencial para os gêneros pessoais — quem é o “eu” que escreve —, ganha novas dimensões. Em *O pacto autobiográfico*, Lejeune (2014b) apresentou critérios que estabeleceriam, para além das características formais baseadas na narratologia de Gérard Genette, os aspectos a partir dos quais o leitor passaria a ler uma narrativa considerando-a um relato de caráter factual, cujo reconhecimento seria condição para se estabelecer um pacto de confiabilidade com o leitor.

O termo “autoficção” foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, publicado em 1977. De acordo com Lecarme (2014, p.68), a autoficção consistiria em um dispositivo muito simples, “uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance”. A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor, uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter factual da narrativa, a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa

mesma confiança.

Se por um lado a coincidência entre tais instâncias, na autobiografia e na autoficção, opõe alguma resistência à guinada pós-estruturalista que, como se sabe, anunciava a “morte do autor” (BARTHES, 2004), por outro o mergulho no “mundo ficcional”, específico da autoficção, aponta para a impossibilidade de definir o factual, tendo em vista que seu suposto referente, a realidade, passa por análoga dificuldade de conceituação — como lembra Roas (2014, p.86), “a realidade deixou de ser uma entidade ontologicamente estável e única, passando a ser contemplada como uma convenção, uma construção, um modelo criado pelos seres humanos”.

Para Alberca (2013, loc. 4001) apesar da consciência da impossibilidade de reconstituição do real, a diferença entre autoficção e autobiografia estaria no fato de que, nesta última, o autor parte do pressuposto de que sua narrativa não é apenas ficção. Sobretudo a autoficção, mas também a autobiografia e o memorialismo, possibilitariam a multiplicação das personalidades do autor, caracterizando o gênero como um produto do mundo pós-moderno, devido à impossibilidade de se definir uma unidade para o sujeito. Nesse sentido, a partir das reflexões de Lipovetsky, Manuel Alberca afirma que a autoficção situa-se na falta de compromisso do sujeito contemporâneo em preocupar-se com a edificação de seu próprio ego (entidade, como se sabe, imprecisa e cambiante). Assim, a autoficção consistiria em “*una estrategia creativa que fluctúa entre lo inventado y lo real, entre lo novelesco y lo autobiográfico, en la que poder seguir el ego*” (ALBERCA, 2013, loc. 4001).

Diana Klinger, por outro lado, considera a autoficção como uma escrita de resistência em relação à espetacularização do eu, uma vez que essa forma narrativa seria lugar fértil para a crítica a qualquer possibilidade de confirmação do autor como pessoa biográfica, uma vez que ele se colocaria como “personagem construído discursivamente” (KLINGER, 2012, p.57). Considera esse gênero como narrativa “híbrida, ambivalente”, na qual o autor não é nem o referente biográfico, que sustentaria uma “linearidade de trajetória” (KLINGER, 2012, p.45), nem apenas o nome que constitui a “função autor” organizadora, como anunciara Foucault; a autoficção possibilitaria que o autor performe como “personagem que se exhibe ao vivo, no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação” (KLINGER, 2012, p.57). A autoficção teria um caráter de “performance” uma vez que atuaria junto a outras formas de “fala de si” em todos os espaços de sua exposição pública (nos perfis das redes sociais, nas entrevistas, nas palestras), apagando a perspectiva de um “sujeito pleno” e explicitando suas contradições (KLINGER, 2012, p.50).

Para além da dicotomia entre autobiografia e autoficção, um compromisso ético que a escrita autobiográfica parece assumir hoje é o de ser espaço para a voz de escritoras e escritores identificados com as minorias — de

raça, gênero, orientação sexual —, reprimidas pela violência do poder hegemônico. A voz desses autores, (re)encenando suas lutas por direitos, provocam identidades e identificações indispensáveis no campo individual e social.

Outra discussão contemporânea sobre a escrita de si remete ao lugar da intencionalidade autoral como elemento norteador não apenas da definição de gêneros, mas também da recepção das obras. Se na década de 1970 Philippe Lejeune propunha a noção de um pacto entre autor e leitor para deliberar se um relato era autobiográfico ou não, no cenário atual, marcado por um jogo mais nuançado entre textos referenciais e ficcionais, esse critério não tem a mesma eficácia. Além das imbricações mais pronunciadas entre o dito real e a ficção, a exposição constante do escritor no circuito midiático e em feiras literárias ressalta a importância de discutir a figura do autor e o papel assumido por suas falas na leitura das obras.

Dobrovski, quando propõe pela primeira vez o difuso termo “autoficção”, atribui a si a criação da expressão, e não do tipo de narrativa que se vale do que está em jogo nesse procedimento. Ou, como diz Eurídice Figueiredo no artigo que abre esse dossiê, “se Dobrovsky inventou o termo, ele definitivamente não inventou a coisa”. Esse comentário, o qual tende a passar despercebido nas discussões sobre a temática, evidencia que entre a dita autobiografia tradicional e as narrativas autoficcionais não houve um salto, mas sim um caminho gradual formado por algumas obras que passam a problematizar as relações entre escritas de si e ficção — a partir do amálgama entre memória e imaginação, por exemplo. Esse movimento, que ganha força ao longo do século XX, tem no grande livro de Proust — construído, segundo Cohn (2001), a partir de uma ambiguidade entre romance e autobiografia —, um de seus representantes mais emblemáticos.

Ao se deter sobre esse percurso, fica clara a importância das declarações do autor sobre a obra, as quais ganham uma dimensão maior no cenário atual, a ponto de Moriconi (2006, p.162) defender que “textos de depoimentos de artistas e de entrevistas sobre suas trajetórias biomateriais constituem corpus que fazem parte do conceito de literário atualmente”. Embora a proposta de valorizar os bastidores da criação literária não seja desprovida de interesse, vale se perguntar se dar mais espaço para as falas do escritor sobre sua obra — privilegiando talvez, acima de tudo, pactos editoriais e de consumo —, não gera muitas vezes excessivos direcionamentos interpretativos. Em outras palavras, mesmo se o autor que voltou a ter evidência nas produções literárias recentes não seja aquele atacado pelo estruturalismo, mas sim o “sujeito de uma performance, de uma atuação, que ‘representa um papel’ na própria ‘vida real’ [...]” (KLINGER, 2012, p.50), até que ponto elementos questionados por Wimsatt, Beardsley e Barthes, como a intencionalidade autoral, não voltam à tona em algum grau no cenário contemporâneo?

Este dossiê propõe-se a estimular o debate sobre as escritas de si, abrangendo trabalhos que as abordem enquanto forma de expressão marcadamente literária, isto é, enquanto documento relevante para ramos distintos dos estudos literários (historiográficos, biográficos, hermenêuticos); em suas implicações para a constituição do cânone (em seus contínuos movimentos de expansão, restrição e redefinição); em suas consequências para noções-chave da crítica (como o conceito de autor), bem como para variadas correntes da teoria literária; como ponto de indagação privilegiado na compreensão de diferentes obras em língua portuguesa e estrangeira — enfim, como forma de reabrir a discussão em suas inflexões contemporâneas mais sugestivas, capazes de aclarar a literatura de ontem e de hoje. A reflexão sobre os jogos de autoria, o efeito de simulacro decorrente das justaposições entre domínios factuais e ficcionais, assim como as imbricações de gêneros perpassam alguns dos artigos aqui reunidos.

Em “A Autoficção e o Romance Contemporâneo”, Eurídice Figueiredo caracteriza os nossos tempos como “a era da extimidade”, situação que impacta, também, o fazer romanesco. Desse modo, a pesquisadora aponta que o romance, gênero híbrido conforme o caracteriza Bakhtin, transforma-se atualmente incorporando procedimentos das “chamadas escritas de si”, numa articulação propícia à exposição da intimidade típica desses dias. Desse modo, a “autoficção”, conceito merecedor de uma rica “arqueologia” crítica por parte da autora, constitui uma instância peculiar desse fenômeno, cuja emergência acarreta questões várias, inclusive de ordem ética, na medida em que, aproveitando elementos da vida íntima na composição romanesca, frequentemente o escritor submete pessoas de seu círculo a exposições públicas nem sempre confortáveis. É o que a autora demonstra a partir de casos concretos, seja na literatura francesa, seja na literatura brasileira.

Fausto Antonio faz um mergulho complexo em sua própria produção ficcional, teatral e poética, para pensar na escrita de si como hipertexto encruzilhado. Em “A escrita e recepção de si: abismo olhando o abismo”, é a fala do autor, ao revisitar vários dos temas de sua escrita literária, que emerge ao lado do crítico, comentando e produzindo na escrita mesma do artigo a escrita de si. A voz autoral segue um movimento pendular que coloca a escrita de si numa junção de “autoria e coautoria”, sem excluir as coletividades — o contexto, os leitores —, que também participam desse gesto.

Em uma reflexão de cunho mais teórico, Luana Marques Fidêncio, em “A autoficção como um procedimento literário na literatura de César Aira”, sugere, a partir dos conceitos de “procedimento” e de “particularidade absoluta” propostos pela obra ensaística do escritor contemporâneo argentino, uma nova perspectiva de abordagem das narrativas autoficcionais. Em seu artigo, a autora propõe que a autoficção pode ser lida como “procedimento ad hoc cujas implicações e especificidades operam contra as tentativas de definir ou universalizar as características

e elementos composicionais que operam em cada obra de autoficção”. Esse procedimento possibilitaria, assim, a criação de relatos únicos, irrepetíveis, e o surgimento de novas fórmulas narrativas.

Em “Os Lugares que somos: correspondências na cidade (quase) invisível”, Pablo Vinícius Dias Siqueira desenvolve uma reflexão sobre as escritas de si a partir de um ponto de vista muito particular. Tomando como objeto a novela *A Hora da Estrela*, o pesquisador faz um estudo do espaço no livro de Clarice Lispector, no qual um Rio de Janeiro algo “invisível”, muito distinto da cidade maravilhosa do cartão postal, é construído em paralelo à invisibilidade da própria Macabéa. Contudo, esse argumento é construído a partir de uma correspondência entre dois pós-graduandos, de forma a fazer com que a reflexão sobre as escritas de si, no texto em questão, apareça performatizada, de modo a forçar os próprios limites do ensaio acadêmico.

No texto “*Flores Azuis: a desconstrução do romance epistolar*”, Josye Gonçalves analisa o livro de Carola Saavedra, cujo protagonista, Marcos, após se mudar para um apartamento, recebe cartas de amor destinadas ao antigo morador com praticamente nenhuma informação sobre o remetente — apenas a inicial “A”. A partir dos impactos criados por essa correspondência, Josye Gonçalves mostra como a escritora joga com as figuras autor/leitor, remetente/destinatário de modo a desconstruir o gênero epistolar, evidenciando a ficcionalização de si nele presente.

A partir da obra *Tropas e Boiadas*, Thiago Sanches estuda as relações entre “Identidade e Memória na obra de Hugo Carvalho Ramos”. Para esse fim, adquire especial relevância o conceito de “contrabando cultural”. Trata-se de um fenômeno propiciado, em boa medida, pelo próprio contrabando material, na medida em que este último possibilita “a circulação de produtos, pessoas e ideias em diversas fronteiras”. A partir dessa noção, proposta pela estudiosa Léa Masini, Sanches demonstra como certos contos de Ramos prestam-se a ilustrar esse trânsito, que não só amplia as fronteiras do regional como, também, embaralha os limites entre memória pessoal e identidade coletiva.

Em “A cidade fragmentada e os fragmentos do Eu: a literatura de si em *O Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto”, Ana Carolina N. Albino e Maria da C.C. Ferreira se debruçam sobre esse romance inacabado e publicado postumamente, escrito durante a segunda internação manicomial de Lima Barreto. Nele, segundo as autoras, o escritor lança-se a um movimento de ficcionalização de si, nuançando as fronteiras entre o real e o imaginário, a ficção e o testemunho, para sobreviver ao espaço heterotópico do hospício. A partir da análise proposta, o artigo mostra como a literatura pode se configurar como uma forma de pertencimento e resistência para pessoas postas à margem da sociedade.

Em “A escrita biográfica feminina contemporânea: ressignificando o eu da internet”, Manuela Cunha Peixinho chama atenção para a escrita autobiográfica no espaço da *Internet*. Focaliza o *blog* de Paula Lee,

prostituta brasileira que vive em Portugal, para analisar as especificidades da escrita memorialista em rede frente àquela em suporte impresso e destacar como esse tipo de escrita pode questionar preconceitos em relação ao grupo social das prostitutas.

Além dos textos do dossiê, este número apresenta “Memória e consumo: a comunicação em espaço biográfico do evento *Day1 Endeavor* narrativa de vida e trabalho”, Kátia Martins Valente trata de um espaço para autobiografia diferente daquele da literatura ao deter-se no referido ciclo de palestras, no qual o “primeiro dia” do título recupera um “ponto de virada” decisivo para o sucesso do empreendedor palestrante. Para a pesquisadora, “estes palestrantes transformam suas histórias de vida, de trabalho e relacionamentos afetivos em elementos de comunicação, circulação e consumo de identidades espetacularizadas”, aspecto que, como pontua nas “considerações finais”, beneficia-se de “uma estratégia de midiaticização de memórias”. Já em “A expansão da percepção humana pela fotografia”, Isabel Jungk desenvolve como a fotografia tem ampliado a percepção humana a partir da produção de interpretantes que desautomatizam a concepção humana de mundo. Para tanto, usa como exemplo as fotografias feitas da terra por expedições da NASA a partir do espaço, sugerindo que essa nova percepção do planeta, como um ponto no espaço, poderia levar também a “uma crescente tomada de consciência”.

A capa apresenta uma fotografia da série “Sutar” (2019), da artista Larissa Camnev.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- ALBERCA, M. *El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción*. Madri: Biblioteca Nueva, 2013. Versão Kindle, loc.4001.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.65-70.
- COHN, D. *Le propre de la fiction*. Paris: Seuil, 2001. p.95-124.
- KLINGER, D. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p.45-57.
- LECARME, J. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, J.M.G. (Org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.67-110.
- LEJEUNE, P. Autoficção & CIA. In: NORONHA, J.M.G. (Org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a. p.21-37.
- LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. In: LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b. p.15-55.
- MORICONI, I. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). *Gragoatá*, v.11, n.20, p.147-163, 2006.
- ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p.86.
- STAROBINSKI, J. Le style de l'autobiographie. *Poétique*, v.3, p.257-265, 1970.

CAROLINA DUARTE DAMASCENO | ORCID iD: 0000-0001-7958-0818 | Universidade Federal de Uberlândia | Instituto de Letras e Linguística | Núcleo de Literatura | Uberlândia, MG, Brasil.

JÚLIO DE SOUZA VALLE NETO | ORCID iD: 0000-0002-1356-752X | Universidade Federal de São Paulo | Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas | Departamento de Letras | São Paulo, SP, Brasil.

RICARDO GAIOTTO DE MORAES | ORCID iD: 0000-0003-3595-0033 | Universidade Federal de Santa Catarina | Centro de Comunicação e Expressão | Departamento de Língua e Literatura Vernáculas | R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n., Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R.G. MORAES | Email: <rgaiotto@gmail.com>.

COLABORADORES

Todos os autores participaram de todas as fases da concepção e redação final do texto.

Como citar este artigo/How to cite this article

DAMASCENO, C.D.; VALLE NETO, J.S.; MORAES, R.G. Escritas de si na contemporaneidade: pactos e desdobramentos. *Pós-Limiar*, v.2, n.2, p.117-123, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2595-9557v2n2a4766>

Recebido e aprovado em: 21/10/2019.